

IN EDICTORIAES

A morte de Rachel

(A O sr. M. J. N.)

— Dormes, Rachel ?

— Não, mas sonho. E o que vês no teu sonho, miiga creatura ?

A patria.

— A patria ?

Sim, a patria dos tristes, dos martyres e dos anjos a... minha patria.

— E tens saudades ?

— Infinitas, acaso não se revela a nostalgia até no meu proprio sorriso

— E o que te prende á terra ?

— O amor.

— Ordena a teu coração que não fale, anjo, despedaga os dourados laços que o prendem aos amores terrestres... é preciso partir.

— Já ?

— Sim, ha vinte e tres annos que assim respondes ao meu convite

amigo, e, ante a magia de teu doce
olhar eu me atasto obediente agora....
é tarde, Deus assim o quer. Mas, quem
és tu ?

— Eu sou a casta mensageira de
teu Deus, sou eu que levanto aos bons
os reposteiros azues do paraiso, e nos
maos abro as ferreas portas do in-
ferno ; eu sou a morte.

— Bem vinda sejas, a tua sinistra
belleza não me assusta, antes seduz-
me ; mas tambem quem és tu, oh !
anjo pallido ! tu que me contemplas
pensativo ?

— Sou teu anjo tutelar, quando
nasceste sentei-me a beira de teu
berço e embalei-te no som das meus
cantares, mais tarde não te abandonei
e na ramagem de tua triste vida
te segui sorrindo feliz com teu sorri-
so, chorando com teu pranto amara-
gado. Sim vivi contigo e, como
Deus que aho-nem criou a sua ma-
gem, eu dei-te a minha, oh ! anjo im-
maculado !

Busineta te a sorrir entre larchas,
dei-te a doce segredo da bondade, em
anjo transformei-te, oh! virgem mel-
lida! Sim, vades partir, teu Deus
aguarda-te ás portas do ceo, dei-lhe
ditosa a flôr que floresceu sempre em
tua alma, a celeste flôr da caridade.

— Oh! basta, basta, eu sei quem
tu és, sempre te vi velando junto ao
cruel berço de infante e juncando de
rosas o meu leito de menina e de
moça; tu me deste a belleza ideal
que não parece belleza d'alma; sim,
me deste os mais veros amores,
concedendo-me o dominio gentil dos
corações; oh! eu te reconheço, sim,
em es a doce e humil realignação.
Quando eu via grupos de mo-
ças, qual bando de alegres anfori-
nhas, fingindo prazeres que eu sentia
para mim interditos para sempre en-
tra n'alma desolada extranhas
agonias e dores e o que me fazia
luto eterno pela minha mãe-fada.

Quando via nos bailes gente moça
entregarem-se dos waltzes á lancha
e a eia que debaixo de uma chuva via

em pedras de ágata e esmalte. Hoje
as flores, semelhantes as pedras val-
tas d'um colar desfilto brutalmente.
Sim, queria correr, brincar, colher
brincos na sedia floresta, sempre
verde da mais ardente juventude, mas
sentia-me presa aos elos de terrível
cadeia, como o triste Prometheo ao
monte Caucasos. Era moça, era rica,
mas estes gozos, esses sonhos do céu de-
appareciam perante a cruel reali-
dade, eu era apenas, oh! magna, triste en-
ferma. Mas vencia em minha resignação
e quando um pensamento triste an-
chia o meu cérebro de sombras me
apontavas minha mãe, meu pai, todos
que amavam a exaltação do céu, e en-
tão sentindo o balsamo destas santas
affeições sentia o céu sombrio de mi-
nh'alma illuminar-se de chafre. Quan-
do dos affectos o prestigio num instante
em minh'alma esfregueia então,
mais audante me apontavos e quando
crente imaginava ver o doce consola-
dor das almas tristes. Sim, nunca me
abandonastes e hoje que a morte do-
ceamente me chama, hoje que sinto

que é preciso partir, hoje te deixo, eu
quero seguir só. Sim é preciso que
fiques neste lar que tão tristeinho
leixo. Quem virá consolar minha
maisinha? Quem meigo lhe dirá que
a borboleta do seu maternal amor
deixando triste o casulo do seu terno
coração foi liberto mol suave e puro
das flores gentis do paraíso! Quem
meigo lhe dirá que Rachelinha, qual
passaro implume procurou um asylo
melhor antes que o inverno viesse fa-
tal, antes que o ninho deserto fleasse,
oh! desventura! ah! o que seria de
mim, se tu partisses primeiro, oh!
minha mãe! Quem virá murmurar
co meu ouvido estas d'ous meiguices
encantadas cujo magico agrado só
possues! Sim, é mister que eu parta
e que tu fiques! Como deve a morte
ser tão doce quando o nosso olhar ul-
timo e allicto encontra um olhar de
mãe! Quem consolará também meu
pai, quem meigo lhe dirá que sua fi-
lha, sua meiga Rachel faz repouso
no seio de Deus. Quem consolará todos
que amei, que cobriam os abrolhos

que surgia na vireia do mar,
triste vida, com pétalas de rosas. Quem
senas tu, oh! anjo polli tu, oh! doce
e immortal resignação! Sim, fica jun-
to dellos, e, quando vires minha mãe
a chorar, toma piedade pela mão uma
luz creancinha andrajosa e gentil
e então diz-lhe:

« Deixa a estrada do mar, oh!
triste mãe! » Quando vires, quando vi
pensando em mim, oh! de volta a
frente encavada e sobre o retran-
cos jellios deposito um beijo do co-
unigo com cabido flôr de alho
verde. S'jam os seus guillemes la-
gões. E a deixo á a minha mãe a ca-
ridade, a minha mãe a carência e a
todos... todos, deixo a doce lembrança
de Rachel.

E um migo sorriso deslizou-se nos lábios da gentil creaturinha. A morte approximou-se.

— Já ? lhe disse ella. Que esperar mais ? Uma visita. E a alegria brillou no seu olhar. Não sabe a parábola das dez virgens. Minha lampada está accesa, vou ao encontro do esposo e da esposa, eu espero ser da boda. Ao longe ouviu-se uma voz mysteriosa que bradava :

— Eis o esposo, ide ao seu encontro. Abriu-se então a porta e um sacerdote entrou trazendo em pranto a hostia santa, o Victimario sagrado. Chegara o esposo e Rachel, virgem prudente, vendo a lampada accesa entrou com elle na sala sumptuosa do festim. Quem vivera a morrer morria agora para eterna viver no paraizo ! Oh invejem, mortaes, glorias da terra, riquezas colossaes, gosos perennes, alegrias sem fim, que eu só invejo a morte desse anjo transformado em pallida mulher ; e se amais voas illuzões, dize-me, oh lida, que illu-

filhas, mãos divinas, oh! desgarlar-lhe-
como um d. da celeste: a morte de Ma-
chel.

INÊZ D'AVILA
